

## O DISCURSO DA PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENTRE A TRADIÇÃO E A MUDANÇA

**Bárbara RODRIGUES**

**Rodrigo ACOSTA PEREIRA**

*Universidade Federal de Santa Catarina*

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo investigar de que modo a prática de análise linguística é discursivizada nas propostas de atividades sobre conhecimentos linguísticos em livros didáticos de Língua Portuguesa brasileiros direcionados ao Ensino Médio à luz dos escritos de Bakhtin e do Círculo em termos de encaminhamentos para uma análise dialógica do discurso, dos estudos contemporâneos em Linguística Aplicada e da análise dos documentos oficiais de ensino, como os PCN (BRASIL, 2000) e o PNL (BRASIL, 2017), em relação ao ensino de língua portuguesa nas escolas de Educação Básica. Para tanto, os dados gerados consociam-se à coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso”, uma dentre as três mais utilizadas no estado de Santa Catarina (SC), e nos mostraram um embate ideológico-valorativo entre o discurso da tradição e o discurso da mudança por meio do entre-espaço discursivo da gramática tradicional e da prática de análise linguística. Esperamos, com os resultados encontrados, colaborar para as pesquisas em análise do discurso de base dialógica e, também, apresentar novas possibilidades para se trabalhar com a análise linguística em sala de aula de Língua Portuguesa na esfera escolar.

**Palavras-chave:** Prática de análise linguística. Livros didáticos. Análise dialógica do discurso.

## THE DISCOURSE OF LINGUISTIC ANALYSIS PRACTICE IN PORTUGUESE LANGUAGE TEXTBOOKS: BETWEEN TRADITION AND CHANGE

**Abstract:** This study aims to investigate how the practice of linguistic analysis is discursivized in the proposals for activities on linguistic knowledge in Brazilian Portuguese language textbooks aimed at high school in the light of the writings of Bakhtin and the Círculo in terms of referrals to a dialogical analysis of discourse, contemporary studies in Applied Linguistics and the analysis of official teaching documents, such as the PCN (BRAZIL, 2000) and the PNL (BRAZIL, 2017), in relation to the teaching of Portuguese language in Basic Education schools. Therefore, the data generated are linked to the collection “Contemporary Portuguese: dialogue, reflection and use”, one of the three most used in the state of Santa Catarina (SC), and showed us an ideological-valorative clash between the discourse of tradition and the discourse of change through the discursive interspace of traditional grammar and the practice of linguistic analysis. We hope, with the results found, to contribute to research in dialogical-based discourse analysis and also to

present new possibilities for working with linguistic analysis in the Portuguese language classroom in the school sphere.

**Keywords:** Linguistic analysis practice. Didactic books. Dialogic discourse analysis.

## EL DISCURSO DE LA PRÁCTICA DE ANÁLISIS LINGÜÍSTICO EN LIBROS DIDÁCTICOS DE LENGUA PORTUGUESA: ENTRE LA TRADICIÓN Y EL CAMBIO

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo investigar cómo se realiza la discursivización en las prácticas de análisis lingüístico en las propuestas de actividades sobre el conocimiento lingüístico en los libros de texto brasileños de Lengua Portuguesa dirigidos a la Educación Secundaria a la luz de los escritos de Bajtín y el Círculo en cuanto a orientaciones para un análisis dialógico del discurso, de los estudios contemporáneos de Lingüística Aplicada y del análisis de los documentos oficiales de enseñanza, como el PCN (BRASIL, 2000) y el PNLD (BRASIL, 2017), en relación con la enseñanza de la lengua portuguesa en los colegios de Educación Básica. Para ello, los datos generados están relacionados con la colección "Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso", una de las tres colecciones más utilizadas en el estado de Santa Catarina (SC), y nos mostraron un choque ideológico-valorativo entre el discurso de la tradición y el discurso del cambio a través del espacio discursivo de la gramática tradicional y la práctica del análisis lingüístico. Esperamos, con los resultados encontrados, contribuir a la investigación del análisis del discurso dialógico y, también, presentar nuevas posibilidades para trabajar con el análisis lingüístico en el aula de Lengua Portuguesa en el ámbito escolar.

**Palabras-clave:** Práctica de análisis lingüístico. Libros de texto. Análisis dialógico del discurso.

### INTRODUÇÃO

O estudo **O discurso da prática de análise linguística em livros didáticos de <sup>1</sup>Língua Portuguesa: entre a tradição e a mudança** partiu, primeiramente, de uma pesquisa documental (DENZIN; LINCOLN, 2006; GODOY, 1995), de cunho qualitativo, para, em um segundo momento, emprendermos uma análise dialógica do discurso a partir do conteúdo-semântico-objetual 'prática de análise linguística'. Para tanto, realizamos um levantamento de atividades de estudo da língua (conhecimentos linguísticos) nos três volumes de livros didáticos de Língua Portuguesa, da coletânea "Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso", direcionados ao Ensino Médio a fim de compreendermos como as relações dialógicas são refratadas nos discursos em torno da prática de análise linguística (PAL) nessas propostas de atividades.

---

<sup>1</sup> O termo *Língua Portuguesa* será escrito em letras iniciais maiúsculas quando se referir à disciplina de *língua portuguesa* e em letras minúsculas quando se referir à língua.

Nas seções que seguem, apresentamos, inicialmente, uma breve discussão acerca dos estudos em torno da PAL bem como nossa ancoragem nos escritos de Bakhtin e do Círculo, nos estudos em Linguística Aplicada (LA) e nos documentos oficiais brasileiros. Em seguida, mostramos nossa metodologia com mais detalhes de nossa investigação. Por fim, trazemos nossa análise das atividades selecionadas e nossas considerações finais.

Nossa intenção, com esta pesquisa, é mostrar sua relevância tanto para as pesquisas em análise do discurso de base dialógica – (ACOSTA PEREIRA, 2012; 2016; ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2014; 2015; FRANCO; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2020; BRAIT, 2016; DE PAULA, 2013;; JOBIM E SOUZA; PORTO E ALBUQUERQUE, 2012; MARCHEZAN, 2016; OLIVEIRA; HUFF; ACOSTA PEREIRA, 2019; ROHLING, 2014; SILVA, 2007) – quanto para o ensino de língua portuguesa, visto que, ainda hoje, temos a presença do discurso da tradição por meio de explicações conceituais genéricas e de propostas de atividades descontextualizadas que não levam o aluno a refletir sobre e a compreender a sua própria língua.

## 1. OS ESTUDOS SOBRE PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

A partir de uma breve retomada histórica (BUNZEN, 2005; DE PIETRI, 2010; 2013; SOARES, 1998), observamos que a gramática da língua portuguesa sofreu inúmeras modificações até assumir seu lugar de prestígio no ensino brasileiro e foi somente na metade do século XX que o ensino deixou o ideal greco-latino em segundo plano e focou em uma educação estruturalista (DE PIETRI, 2010). Mais à frente, já durante o período militar, a disciplina de Língua Portuguesa se reformulou devido às transformações sociais, políticas e culturais da época.

Bunzen (2005) e De Pietri (2010) consideram essas mudanças essenciais para o sistema de ensino brasileiro, pois elas contribuíram para que os estudos da linguagem considerassem o contexto social como influenciador do uso da língua e para a união entre gramática e textos, que passaram a estar presentes nos manuais de ensino. Esse novo olhar para o ensino fez com que a disciplina de LP passasse por uma reorientação e não trabalhasse apenas com o sistema linguístico, mas também desenvolvesse habilidades de expressão e de compreensão da língua nos alunos (BUNZEN, 2005, 2011; CARGNELUTTI, 2009; DE ANGELO, 2011; DE PIETRI, 2010; PATRIOTA, 2015; SOARES, 1998).

Em 1985, com o <sup>2</sup>Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Ministério da Educação (MEC) passou a participar, conforme Costa et al (2016), de maneira mais efetiva nas discussões acerca da qualidade do livro didático nas instituições escolares brasileiras e, a partir das diferentes perspectivas de gramática e de ensino, a prática de análise linguística (PAL) emergiu visando uma abordagem que privilegia a reflexão sobre a língua(gem) em seu uso real e concreto, conforme explicam Acosta Pereira (2011; 2013; 2016; 2018) e Costa-Hübes (2010; 2017).

Cabe ressaltar que a preocupação com a prática de análise linguística já vinha sendo discutida, sob diferentes sentidos, desde os séculos XIX e XX (BEZERRA; REINALDO, 2013), mas foi apenas com os estudos de Geraldi (1996; 2013) que o termo ganhou relevância e passou a ser visto sob outro horizonte valorativo, objetivando o trabalho com a leitura, a produção e a análise linguística em textos, tripé considerado a unidade básica de ensino e aprendizagem por partir de uma concepção de língua centrada na historicidade do sujeito e da própria linguagem (GERALDI, 2013). Nesta pesquisa, adotamos o conceito de prática de análise linguística segundo o escopo teórico-metodológico do ensino operacional e reflexivo de língua materna proposto por Geraldi (1996; 2013) e Franchi (2006), na década de 1980, que toma a língua(gem) como produto historicamente construído pelos sujeitos. Estamos nos baseando em uma prática de análise linguística de base dialógica (SANTOS-CLERISI; ACOSTA PEREIRA, 2020; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HUBES, 2021).

Para Bezerra e Reinaldo (2013, p.31), o termo análise linguística envolve diferentes perspectivas de trabalho com a língua e as autoras compreendem que a análise linguística é uma expressão “guarda-chuva” por abrigar diferentes especificações que se relacionam com as orientações teóricas que a fundamentam. Segundo Rocha (2017), a PAL não exclui a gramática normativa, mas, paralelamente a ela contribui para a compreensão dos diferentes fenômenos linguísticos mediante exercícios de leitura, escrita e oralidade. Apesar dessa nova reorientação do ensino, Mendonça (2006) afirma que, hoje, ainda convivem diferentes perspectivas de gramática, de língua e de ensino em sala de aula e isso ocorre porque nem os autores dos LDs nem os professores conseguiram compreender a orientação dos PCN com clareza, reverberando

---

<sup>2</sup> O *Programa Nacional do Livro Didático* é um programa governamental voltado à distribuição de material didático aos estudantes da rede pública de ensino brasileira, tendo como exceção os alunos da educação infantil.

<http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-histórico>

em conteúdos e em atividades que não evidenciam a leitura, a oralidade e a reflexão acerca dos inúmeros usos da língua.

Além de Geraldi (1996, 2013), Mendonça (2006), Franchi (2006), escritores contemporâneos, como Acosta Pereira (2011; 2012; 2013; 2016; 2018), Costa-Hübes (2010; 2017), e Polato (2017) trouxeram importantes contribuições sobre a proposta de ensino reflexivo. Costa-Hübes (2010, p.183) pontua que “ensinar gramática pressupõe ensinar análise linguística”, logo, seu ensino deveria refletir sobre as formas que o sujeito organiza seu discurso por meio da análise de gêneros que o circundam. Para essa autora, a PAL é:

[...] um trabalho de reflexão sobre a organização do texto (oral ou escrito), tendo em vista a situação social de produção e de interlocução, o gênero selecionado, a seleção lexical que dá conta da situação de interação, os mecanismos de textualização empregados naquele contexto e as regras gramaticais necessárias para a situação de uso da língua. (COSTA-HÜBES, 2010, p.184)

Sob essa perspectiva, a prática de análise linguística adquire um caráter didático e se revela um novo modo de reestruturar o ensino de LP ao lado das práticas de leitura e de produção de textos. O problema, entretanto, é que, quando esse termo aparece nos materiais didáticos, ele nem sempre designa a mesma prática e acaba servindo de nomenclatura para as atividades tradicionais de LP, como a localização de informações, a classificação de palavras e a memorização de nomenclaturas. Devido a isso, é fundamental estudarmos a PAL nas atividades de LP presentes nos LDs a fim de repensarmos nossas práticas de ensino em sala de aula.

Dentre as várias coleções de livros didáticos brasileiros, analisamos a coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” a partir da orientação dos <sup>3</sup>PCN (BRASIL, 2000) de trabalhar a língua nos eixos da fala, da escuta, da leitura, da escrita e da reflexão acerca dos recursos linguísticos. Para tanto, compreendemos que o ensino de LP não deve descartar a gramática normativa e compactuamos com Acosta Pereira (2011; 2013; 2018) e Costa-Hübes (2010; 2017) ao observarmos a comparação entre textos, a reflexão sobre a adequação linguística de acordo com o gênero discursivo em estudo e os efeitos de sentidos nos textos orais e escritos, pois serão esses pontos que levarão os alunos a compreenderem e a se apropriarem

---

<sup>3</sup> Esta pesquisa ocorreu antes da última seleção de coleções da BNCC. Logo, a coletânea analisada, publicada no final de 2016, não responde à BNCC.

das alternativas que a língua lhes oferece. Com isso, finalizamos esta seção e adentramos nos conceitos bakhtinianos essenciais para empreendermos uma análise dialógica do discurso.

## 2. O DISCURSO NOS ESTUDOS DIALÓGICOS DA LINGUAGEM

O discurso, para Bakhtin (2011), faz parte do vivido e está relacionado às vivências e às enunciações concretas dos sujeitos. Ele nasce, então, da situação extraverbal – dimensão social do discurso onde a ideologia e a valoração incidem –, é refratado segundo a ideologia do sujeito que o profere e se materializa na forma de enunciados. Logo, os acontecimentos da vida são refletidos e refratados nos discursos por meio de relações dialógicas com discursos outros, segundo Bakhtin (2015). Por conseguinte, pensamos pelo significado que as palavras adquirem e pelos contextos em que elas são utilizadas, e o discurso, sempre movente, se movimentará ou para os discursos já-ditos (discurso alheio) ou para a reação resposta do outro, o que implica, de acordo com Bakhtin (1998, p.88), que “[...] o discurso se encontra com os discursos de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.”. Compreendemos, então, que o discurso é único, individual e não é indiferente às condições sócio-histórico-culturais e ideológico-valorativas que o envolvem, pois, segundo Volochínov (2009), tudo o que é proferido leva em consideração valores, história, cultura e papéis sociais exercidos pelos participantes do ato comunicativo.

Com relação à ideologia, ela é vista, por Volochínov (2009), como uma forma concreta construída a partir dos acontecimentos de determinada época e pode, dentre outros aspectos, ser compreendida pelo atravessamento entre a ideologia do cotidiano – construída nos encontros casuais e nas ações individuais que se dão em um determinado contexto – e a ideologia oficial – que procura implantar uma concepção de produção de mundo única.

Em consonância a Volochínov (2009), Medviédev (2016) reflete acerca das crenças e das concepções de mundo de cada sujeito, as quais se realizam e se tornam realidade por meio da palavra, do gesto, e sempre se materializam no processo de interação. Segundo Volochínov (2009), tudo o que é ideológico tem um significado, ou seja, possui um signo e, conseqüentemente, não existe ideologia se não houver signos. Ao dizer isso, o autor traz à tona a natureza do universo das ideologias, que é semiótica, já que todo produto ideológico remete a algo externo, a algo fora de si. Nesse sentido, compreendemos que, se todo signo é ideológico, ele surge, então, das relações sociais, ou seja, constrói-se no uso da linguagem, pois fenômenos

ideológicos estão relacionados às diferentes formas de interação social, conforme Medviédev (2016).

No que diz respeito a isso, Medviédev (2016) argumenta que a avaliação social determina a escolha do objeto, da palavra, da forma e da sua combinação individual nos limites do enunciado, o que nos leva a compreender que a escolha de palavras, de combinações entre elas e a localização delas em um texto é escolhida, comparada e combinada pelo escritor justamente devido às avaliações contidas nelas. Nesse sentido, ao usar a palavra, o falante pode entoá-la mais ou menos dependendo da ênfase que pretende dar para expressar sua posição em relação a ela (VOLOCHÍNOV, 2009). De acordo com Medviédev (2016, p.85), “[...] a entoação expressiva não é obrigatória, porém, quando ocorre, ela é a expressão mais clara do conceito da avaliação social.”

Ademais, é preciso abordar a questão das relações dialógicas, Bakhtin (1998; 2011; 2015). Para o Círculo, a interação, constitutiva da condição humana, é estabelecida com o outro por meio dos enunciados e vem carregada de ecos e de ressonâncias de outros enunciados (VOLOCHÍNOV, 2009), o que justifica o fato de eles não serem indiferentes uns aos outros por se conhecerem e se atravessarem mutuamente. As relações dialógicas são, então, relações semântico-ideológico-valorativas que se dão a partir dos enunciados – que não podem ser entendidos fora do contexto – elaborados por sujeitos reais.

Devido a isso, estudar as relações estabelecidas na língua em sua imanência não são suficientes para compreendermos o dialogismo em seu sentido mais amplo se não houver referência à dimensão social do objeto estudado. Sobre essa questão, Di Fanti (2003, p.98) afirma que o princípio dialógico da linguagem “[...] se constitui por uma abordagem social que lhe é própria, um “compartilhar com o outro” que exclui qualquer possibilidade de abordagem individualista [...]”. Tanto para essa autora quanto para Bakhtin (1998; 2011; 2015) e Volochínov (2009), os sujeitos e os sentidos se constroem diariamente por meio da interação verbal.

Sob essa perspectiva, entendemos que as relações dialógicas são relações de sentido que se dão entre os enunciados e, por isso, o que interessa a Bakhtin (2011) é o estudo do discurso concreto, que é constituído pela palavra viva e pela atividade comunicativa. “As *relações dialógicas* são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são

possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso.” (BAKHTIN, 2011, p.323, grifos do autor).

Em outras palavras, as relações semântico-valorativas só existem no plano do discurso, na concretude da língua(gem), visto que se dão no enfrentamento de vozes sociais pertencentes a diferentes sujeitos, no nosso caso, entre os autores da coletânea, os editores e os documentos oficiais de ensino. Após as discussões realizadas nesta seção, direcionamo-nos, no próximo capítulo, para a metodologia da nossa pesquisa.

### 3. O UNIVERSO E O OBJETO DA PESQUISA

O livro didático (LD), resultante da história e da reflexão das práticas pedagógicas, mantém uma forte relação com a cultura escolar e compõe a memória emotiva de diversos alunos e professores. Segundo Bunzen (2005, p.37), estudar o LD implica compreendê-lo como “[...] um produto sócio-histórico e cultural em que atuam vários agentes [...] com certas relações sociais entre si, na produção e na seleção de enunciados concretos com determinadas finalidades.”. A partir disso, nossa intenção, ao escolher o LD como universo desta pesquisa, é compreender como as relações dialógicas são refratadas nos discursos em torno da prática de análise linguística nas atividades de estudo da língua em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

Nesta pesquisa, faz-se necessário ressaltar que analisaremos somente a seção **Língua e Linguagem** da coleção em estudo “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso”, escrita por William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien e publicada em 2017, porque ela se volta aos conhecimentos linguísticos e traz reverberações dos documentos oficiais e das concepções dos autores em relação à gramática tradicional e à prática de análise linguística.

De acordo com a resenha disponibilizada pelo MEC – presente no Guia de Livros Didáticos do PNLD 2018 –, a coletânea engloba três volumes e cada um deles se divide em quatro unidades temáticas, organizadas a partir da ordem cronológica literária. Essas unidades, por sua vez, estão divididas em três seções: Literatura, Língua e Linguagem e Produção de Texto, as quais se subdividem em: Foco no texto, Foco na imagem, Entre textos, Conexões, Entre saberes, Fique conectado, Reflexões sobre a língua, Texto e enunciação e Hora de escrever. Ao final de cada unidade, há mais duas seções: Por dentro do Enem e do Vestibular e Projeto, com exercícios

linguísticos e propostas de atividades coletivas (como saraus e teatros) que visam concretizar o conteúdo estudado. O quadro abaixo ilustra melhor a organização da seção **Língua e Linguagem**, que se divide em “Foco no texto”, “Texto e enunciação” e “Reflexões sobre a língua”.

Quadro 01: Organização da seção **Língua e Linguagem** no universo de análise

Unidades	Capítulos	Seção	Subseções		
UNIDADE 1	1	Língua e Linguagem: a língua e seus conceitos.	Foco no texto	Reflexões sobre a língua	Texto e enunciação
	2	Língua e Linguagem: variedades linguísticas e conceitos de ortografia e de norma padrão.	Foco no texto	Reflexões sobre a língua	Texto e enunciação
	3	Língua e Linguagem: teoria da comunicação e funções da linguagem.	Foco no texto		Texto e enunciação
UNIDADE 2	1	Língua e Linguagem: figuras de linguagem.			Texto e enunciação
	2	Língua e Linguagem: semântica – ambiguidade, polissemia, sinonímia e paráfrase.	Foco no texto	Reflexões sobre a língua	Texto e enunciação
	3	Língua e Linguagem: semântica – negação, ironia, implícitos, indiretas e expressões idiomáticas.			Texto e enunciação
UNIDADE 3	1	Língua e Linguagem: letras e sons.		Reflexões sobre a língua	Texto e enunciação
	2	Língua e Linguagem: acentuação.	Foco no texto	Reflexões sobre a língua	Texto e enunciação
	3	Língua e Linguagem: ortografia.	Foco no texto		Texto e enunciação
UNIDADE 4	1	Língua e Linguagem: coerência e coesão textual.	Foco no texto	Reflexões sobre a língua	Texto e enunciação
	2	Língua e Linguagem: estrutura de palavras – morfemas vogais/consoantes de ligação.	Foco no texto	Reflexões sobre a língua	Texto e enunciação
	3	Língua e Linguagem: formação de palavras.	Foco no texto	Reflexões sobre a língua	Texto e enunciação

Fonte: Adaptação da organização da seção **Língua e Linguagem** do volume I da coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso”, RODRIGUES (2019).

Após a apresentação de nosso universo e de nosso objeto, direcionamo-nos para os pressupostos da análise dialógica do discurso.

#### **4. A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO NAS ATIVIDADES DE PAL NO LIVRO DIDÁTICO**

Pelo fato de esta pesquisa ter como aparato teórico-metodológico os estudos de Bakhtin e do Círculo, faz-se importante compreender alguns conceitos, como os de enunciado, discurso, gêneros do discurso, sujeito e dialogismo (ainda que, neste momento, nós não trabalhemos com todos esses conceitos devido ao nosso objetivo), pois eles são a base para empreendermos uma Análise Dialógica do Discurso (ADD). Dentre esses conceitos, o que se sobressai é o de discurso (Cf. seção 3) porque a ADD o toma como objeto próprio e busca compreender a língua em seu uso e contexto de produção a fim de entender a manifestação ideológica que a permeia. Logo, o objetivo da ADD é focar na análise de produções discursivas encontradas nas diversas esferas sociais (ACOSTA PEREIRA, 2012;2016; ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2014;2015; BRAIT, 2016; MARCHEZAN, 2016; OLIVEIRA; HUFF; RODRIGUES, 2019).

Desse modo, para analisar o discurso sob essa perspectiva, Brait (2016) menciona algumas características desse tipo de pesquisa e afirma que o linguista/pesquisador deve observar as práticas discursivas com atenção e levar em consideração os contextos de produção e de circulação dos discursos que estão sendo analisados – no nosso caso, as ideologias refletidas e refratadas pelos autores nos discursos que permeiam a coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso”. É por esse motivo que, para Rohling (2014), não podemos aplicar as categorias de uma pesquisa a outra porque o dado sempre será parte do discurso concreto, que se dá em um tempo e um espaço específicos (ACOSTA PEREIRA, 2012;2016; ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2014;2015; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2020; BRAIT, 2016; DE PAULA, 2013; MARCHEZAN, 2016; JOBIM E SOUZA; PORTO E ALBUQUERQUE, 2012).

Nesse sentido, é possível pensar que os discursos que se encontram nos livros didáticos não são manifestações isoladas, mas, principalmente, consequências do posicionamento ideológico dos autores, pois o livro didático reproduz a reenunciação deles diante do mundo contemporâneo a partir da reavaliação dos conteúdos que são considerados importantes para eles, para as editoras, para os professores, entre outros, pois os autores são constituídos de discursos outros e isso se sobressai na valoração dada aos conteúdos escolhidos para cada LD (HUFF, 2017; RODRIGUES, 2019).

Portanto, segundo Acosta Pereira e Rodrigues (2014) e Rohling (2014), esse tipo de pesquisa (e da escolha de um objeto de estudo) já é uma atividade valorativa, pois nós, enquanto pesquisadores, selecionamos esse objeto de estudo a partir de um horizonte axiológico que envolve inúmeros discursos já-ditos acerca do tema da pesquisa. Em vista disso, o nosso compromisso “[...] é com a densidade e a profundidade do que é possível ser revelado com a pesquisa [...]” e, para darmos conta dessa função, é fundamental “[...] a cumplicidade dos sujeitos da pesquisa como coautores na incessante busca de sentidos para a condição humana.”. (JOBIM E SOUZA; PORTO E ALBUQUERQUE, 2012, p.121). Seguindo pelo caminho da ADD, a pesquisa partiu do estudo dos conceitos bakhtinianos de discurso, ideologia, valoração e relações dialógicas porque nossa análise se volta aos discursos dos autores da coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” e aos estudos contemporâneos em LA acerca do ensino operacional e reflexivo da língua(gem). A partir disso, nosso estudo seguiu as seguintes etapas metodológicas:

1. Levantamento das coleções mais utilizadas pelas escolas públicas de Santa Catarina (SC) a partir do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação).
2. Seleção da coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” por ser a mais adotada pelas escolas públicas estaduais de Santa Catarina (SC).
3. Levantamento das atividades linguísticas que focalizam a PAL e das que se baseiam na gramática tradicional normativa.
4. Análise dialógica dos dados selecionados.

Nossa pesquisa buscou, primeiramente, compreender o momento sócio-histórico em que a coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” foi produzida, a qual traz ressonâncias das concepções atuais de ensino através do discurso da mudança, visível na escolha dos textos, nas explicações conceituais e na elaboração das propostas de atividades linguísticas, que consideram a mutabilidade da língua e suas variedades, e nos ecos do discurso da tradição ao apresentar alguns exercícios classificatórios descontextualizados do tema de cada unidade didática. Em seguida, a fim de observar a incidência da PAL e o lugar que a gramática tradicional ocupa na coletânea, selecionamos a seção **Língua e Linguagem** pelo fato de ela estar relacionada aos fenômenos linguísticos. Com isso, realizamos um levantamento das atividades linguísticas organizando-as em dois grupos: as de PAL e as de gramática tradicional, que serão apresentadas no nosso capítulo de análise.

Para tanto, observamos os textos selecionados na seção **Língua e linguagem**, a orientação discursiva dos autores nas propostas de atividades linguísticas e retornamos aos PCN

(BRASIL, 2000) e ao PNLD (BRASIL, 2017) visando analisar como a coleção responde a esses documentos. Essas fases da investigação foram essenciais para nos auxiliar a compreender e a interpretar os dados analisados.

## **5. AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NO DISCURSO DAS ATIVIDADES DE PAL NO LIVRO DIDÁTICO**

Na perspectiva da nossa pesquisa, o conceito de dialogismo é fundamental porque o LD se constitui como um elemento da comunicação verbal, “[...] representa um dos fios das incontáveis possibilidades de diálogos.” (DA COSTA, 2016, p.75), e dialoga com os documentos oficiais por meio das teorias linguísticas e educacionais que ancoram os discursos dos autores que o produziram. Por isso, interessa-nos compreender os tipos de relações dialógicas que perpassam esses enunciados, as quais refletem e refratam o discurso da tradição e o discurso da mudança no sistema de ensino brasileiro.

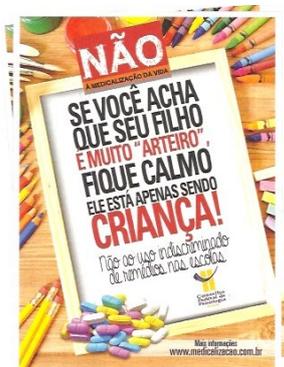
Sabendo que as relações dialógicas pressupõem linguagem, podemos afirmar que elas são encontradas a partir dos enunciados que permeiam a comunicação discursiva, ou seja, elas só são possíveis entre os enunciados proferidos pelos sujeitos participantes de uma situação comunicativa, (BAKHTIN, 2013). Dessa maneira, os enunciados carregam ressonâncias de enunciados outros por sofrerem atravessamentos e confrontos entre ideias e valores dos já-ditos (BAKHTIN, 1998; 2011; 2015). A fim de compreender como essas relações atravessam a coleção analisada, nas próximas duas subseções analisaremos as relações de aproximação e de distanciamento dos autores no que tange à prática de análise linguística. Em seguida, observaremos como os já-ditos são reenunciados pelos autores e se estão em consonância aos PCN (BRASIL, 2000).

### **5.1. AS RELAÇÕES DE ASSIMILAÇÃO/APROXIMAÇÃO EM REALAÇÃO À PAL**

À medida em que avançamos na análise dos três LDs da coleção, observamos que as propostas de atividades linguísticas direcionadas aos alunos do Ensino Médio ora se aproximam ora se afastam da PAL. A nosso ver, esse “conflito discursivo” (RODRIGUES, 2019) pode dificultar o processo de compreensão do aluno, já que algumas propostas são vagas, descontextualizadas ou genéricas demais. Nesse caso, é importante que o professor tenha um olhar bastante atento ao material que utiliza e ao público ao qual essa coleção se destina para que possa interferir nos

momentos em que “a projeção ideológica das forças centrípetas - discursos da tradição” - se fizerem presentes (RODRIGUES, 2019).

Ex. 1.



Disponível em: <https://sigua.br/files/medicacao/2012/07/nao-a-medicalizacao.png>. Acesso em: 19/09/2016.

(CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.3, p.143-144, grifo dos autores)

**Ex. 2.** Releia as seguintes frases:

“Não à medicalização da vida.”

“Não ao uso indiscriminado de remédios nas escolas.”

- Tendo em vista o contexto do cartaz, é possível considerar que há uma forma verbal implícita antes do não. Qual é ela e a quem ela se dirige?
- Um dos complementos que esse verbo exige nessa ocorrência contém uma preposição. Qual é essa preposição?
- Levante hipóteses: Por que antes da palavra medicalização foi utilizada a forma à e antes da palavra uso foi utilizada a forma ao?

**Ex. 3.** O texto foi produzido para divulgar uma campanha do Conselho Federal de Psicologia. Levante hipóteses:

- A quem se dirige?
- A qual situação social ele faz referência?
- Qual é a relação do Conselho Federal de Psicologia com essa situação?
- Qual é a proposta da campanha?

**Ex. 4.** No estudo do cartaz, você viu que, quando um complemento verbal é iniciado pela preposição a seguida de um substantivo feminino que admite ser antecedido pelo artigo a, há a ocorrência da crase, uma vez que preposição e vogal se fundem. Ocorrerá crase, portanto, quando o termo regente exige a preposição a e o termo regido admite o artigo feminino a(s). Assim: **Crase** é a fusão de duas vogais idênticas, que ocorre na junção da preposição a com o artigo a ou com o pronome demonstrativo a.

O cartaz do excerto 1 funciona como âncora a quase todos os exercícios que o seguem, os quais, com algumas exceções, como o excerto 2, são voltados aos aspectos discursivos do texto e do seu autor para, por fim, chegar à crase, que é projetada ao aluno por meio de atividades de inferências e de reflexão, mais um indício da PAL, que, contrariamente ao ensino tradicional de gramática, parte do exemplo para as regras. Percebemos, aqui, o percurso metodológico de Geraldi (2013) para a PAL: atividade linguística no excerto 1; atividade metalinguística no 2 e no 4; atividade epilinguística no 3, o que discursiviza um “matiz ideológico-valorativo do discurso da mudança” (RODRIGUES, 2019).

**Ex. 5.** Leia o anúncio e responda às questões.



(CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.3, p.167)

Relacione as partes verbal e não verbal do anúncio, produzido por um shopping center. O que retratam as imagens da esquerda e da direita? Qual é a relação dessas imagens com o anúncio?

**Ex. 6.** Releia o enunciado principal à esquerda. Nele, o anúncio faz uso de um trocadilho com uma expressão de uso corrente no mundo da moda.

- Qual é o trocadilho e qual é o sentido da expressão?
- Levante hipóteses: O que é um “preço que está na moda”?

**Ex. 7.** A colocação pronominal tal como aparece no anúncio não é a indicada pelas regras da gramática normativa.

- Justifique essa afirmação.
- Reescreva o enunciado, colocando o pronome segundo as regras da gramática normativa.
- Compare a versão escrita por você no item anterior e a versão do anúncio. Discuta com os colegas e o professor e conclua: O sentido construído pelas duas expressões é o mesmo? Justifique sua resposta.
- Conclua: No anúncio em estudo, a opção pela forma não padrão se deu por desconhecimento das regras? Justifique sua resposta com base na finalidade do anúncio.

Os excertos acima “discursivizam a assimilação da PAL” (RODRIGUES, 2019), que se evidencia pela leitura, pelas inferências, pela interpretação, pela escrita/reescrita e pelos sentidos de determinadas palavras dentro do texto. Em 5, temos a comparação entre dois textos para que o aluno compreenda as intenções discursivas presentes em cada um deles. No 6, a brincadeira com o trocadilho e a linguagem informal – característica de anúncios e propagandas – promove a compreensão discursiva do anúncio. Já no 7, conscientemente, o aluno analisa o conteúdo – pronome – para explicar como ele funciona em diferentes situações comunicativas a partir da leitura, da reescrita e da comparação.

Esses exemplos de PAL não trabalham apenas a norma gramatical, mas as estratégias textuais e discursivas do texto em questão. É esse tipo de discursivização que precisa estar mais presente nos LDs e nas aulas de LP, pois o objetivo do ensino de LP não é a memorização de conceitos e de normas gramaticais, mas a reflexão do uso real da língua a fim de construir conhecimentos sobre a própria língua (ACOSTA PEREIRA, 2011; 2013; 2016; 2018; COSTA-HÜBES, 2010; 2017).

Com base nos excertos apresentados nesta subseção, observamos, na discursivização dos autores, a presença do “discurso da mudança, a partir de relações dialógicas de assimilação do discurso da PAL” (RODRIGUES, 2019), que reprovam o trabalho exclusivo com o sistema linguístico e estimulam o desenvolvimento de habilidades de expressão e de compreensão da língua nos alunos (DE PIETRI, 2013). Dessa forma, nas relações dialógicas de assimilação/ aproximação engendra-se o discurso da mudança, consociado ao trabalho com PAL na arena do conflito discursivo entre a mudança e a tradição.

## 5.2. AS RELAÇÕES DE APAGAMENTO/DISTANCIAMENTO EM RELAÇÃO À PAL

Embora diversas teorias e documentos oficiais reverberem nos LDs devido à importância conceitual que assumem para a construção do currículo do Ensino Médio, verificamos, em alguns momentos, que a coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” se distancia das práticas de análise linguística. Por isso, o objetivo principal desta subseção é focalizar nas propostas de atividades linguísticas em que “o discurso da PAL sofre apagamento” (RODRIGUES, 2019).

No primeiro exemplo, que vem antecedido de um poema de Ferreira Gullar e acompanhado de uma explicação conceitual acerca da concordância verbal, notamos que os autores se preocuparam em levar o aluno a refletir sobre as variações das formas verbais, mas muito superficialmente, e utilizaram o texto como suporte para o ensino gramatical tradicional. Não é feita, por exemplo, uma análise sobre a quem o autor se dirige ou ao efeito de sentido de determinada expressão, o que mostra um certo “discurso de distanciamento em relação à PAL” (RODRIGUES, 2019). Além disso, não se discutem as implicações de optar pela ordem direta (sujeito, verbo e objeto) ou indireta. Com relação à conceituação de concordância verbal, observamos que ela, por si só, não é suficiente para que o aluno compreenda o tema.

**Ex. 8.** Releia os seguintes trechos:

**Dois e dois: quatro**

Como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena embora o pão seja caro e a liberdade pequena	e a noite carrega o dia no seu colo de açucena — sei que dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena mesmo que o pão seja caro e a liberdade, pequena.
--	---

(Kokx pueria, 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p. 171.)



(CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.3, p.23-25, grifos dos autores)

“Dois e dois **são** quatro”

“Teus olhos **são** claros”

“É azul o oceano”

“A noite **carrega** o dia”

- Qual é o único trecho que não segue a ordem padrão do português escrito (sujeito + verbo + complemento)?
- Coloque-o na ordem padrão.
- Quais formas estão no singular e quais estão no plural?
- Reescreva-os segundo a norma-padrão, substituindo:

Dois e dois **por** Essa soma

Teus olhos **por** Teu olhar

O oceano **por** Os mares

A noite **por** Os luars

**Ex. 9.** No estudo do poema de Ferreira Gullar, você viu que as formas verbais se alteram em conformidade com os sujeitos a que se referem, concordando com eles em número e pessoa. É o que acontece, por exemplo, com o verbo ser, que se apresenta na forma singular é para concordar com o sujeito o oceano, e se apresenta na forma plural são para concordar com o sujeito teus olhos. Ou, ainda, a forma sei, que concorda

com o pronome eu, e a forma sabemos, que concorda com o pronome nós. De fato, para sentenças formadas por sujeito simples + verbo + complemento(s), ainda que em ordem variável, a gramática normativa recomenda a concordância do verbo com o sujeito.

A partir da breve explicação conceitual sobre verbo, sobre ordem direta e indireta de uma sentença, como no excerto 9, e da proposta de atividade, não temos um trabalho reflexivo em torno da língua, visto que temos identificação da ordem padrão do português escrito em 8, identificação de verbos no singular e no plural e reconstrução do texto por meio da substituição de algumas palavras por outras dadas pelos autores. O que percebemos, com esses dois exemplos, é que, embora os autores compactuem com as novas concepções de ensino, ainda trazem “ressonâncias do discurso da tradição” (RODRIGUES, 2019).

Os próximos excertos também se utilizam do texto como pretexto para o ensino gramatical. Neles, ao abordarem os conceitos de dígrafos e de encontros consonantais, os quais são acompanhados por pequenos boxes que os explicam, não há nenhuma discursivização acerca da diferença entre a escrita e a fala e da não correspondência entre ambas ser a causa para as dúvidas relacionadas à ortografia. Consequentemente, temos atividades que não estimulam a reflexão no aluno, mas fazem-no memorizar os conceitos estudados no capítulo em questão.

**Ex. 10. Dígrafo** é a combinação de duas letras que representam um único fonema. (CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.1, p.186, grifo do autor)

**Ex. 11. Encontro consonantal** é o agrupamento de duas ou mais consoantes em uma palavra. (CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.1, p.187, grifos dos autores)

**Ex. 12.** Na palavra igreja há um encontro consonantal gr. Entre as palavras a seguir, quais também apresentam encontro consonantal?  
terra tornar lembra espelho  
(CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.1, p.189)

**Ex. 13.** Compare estas palavras: que, quis, qual, cinquenta.  
a. Em quais há ditongo crescente?  
b. Em quais a letra u não é semivogal e, sim, faz parte de um dígrafo?  
(CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.1, p.189)

Em vista dos exemplos apresentados, fica claro que “o discurso da tradição” ainda perpassa as unidades didáticas da coletânea e que a explicação dos autores acerca dos conteúdos, muitas vezes, é genérica e/ou superficial. Em virtude disso, temos “o apagamento da PAL” tanto no direcionamento das propostas de atividades linguísticas quanto na parte conceitual (RODRIGUES, 2019).

### 5.3. A REENUNCIÇÃO DOS JÁ-DITOS DOS DOCUMENTOS

No decorrer desta pesquisa, voltamos diversas vezes no tempo a fim de conhecer a trajetória histórica do ensino de LP e de compreender o seu passado, tomando pesquisas e documentos oficiais como via de acesso aos discursos já-ditos acerca disso. Ao analisarmos a seção **Língua e Linguagem** nos três volumes da coleção “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso”, verificamos uma linguagem menos formal, projetada diretamente ao aluno por meio de um “discurso voltado a sua realidade e que ecoa vozes das novas concepções de língua e de ensino gramatical” (RODRIGUES, 2019).

A coletânea, então, é constituída pelo “cronotopo do embate do discurso tradicional e do discurso da mudança” (RODRIGUES, 2019), estando este último em maior evidência na discursivização dos autores, que estão ancorados nos documentos oficiais e no ensino operacional e reflexivo de LP. Sob esse viés, os três volumes respeitam a diversidade e trazem inúmeros textos verbais, não verbais e verbo visuais para que a reflexão sobre os usos da língua possa ser feita pelos alunos. Para isso, o discurso dos autores revela tentativas de mudar concepções tradicionais de ensino por meio da escolha cuidadosa de recursos linguísticos e da elaboração de notas e de quadros explicativos acerca dos temas trabalhados em cada capítulo.

Esse novo olhar para o ensino de LP permite que o aluno formule conceitos a partir de tentativas linguísticas de reescrita, de comparação, de inferências e de interpretação textual. Nos excertos abaixo, é possível perceber essa “discursivização em consonância ao discurso da mudança” (RODRIGUES, 2019) tanto pela exposição teórica e conceitual quanto pelas propostas de exercícios relacionados ao tema substantivo, as quais antecedem a teoria, embora, aqui, os excertos apresentem a ordem inversa.

**Ex. 14.** No anúncio e na tira que você leu, fica claro o papel fundamental das palavras na relação que o ser humano tem com o mundo. As palavras

são a base da linguagem e, entre outras finalidades, servem para nomear as coisas que nos cercam e, assim, contribuem para a distinção entre uma coisa a outra, bem como para a organização do mundo e das ideias. Em nossa língua, existem várias classes de palavras. Dicionário, avental, mochila, livros, estojo, maçã, vontade pertencem à classe dos **substantivos**. Do ponto de vista semântico, os substantivos podem ser conceituados assim: **Substantivos** são palavras que nomeiam seres, qualidades, sentimentos e processos. (CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.1, p.27, grifos dos autores)

**Ex. 15.** O que significa substantivo?

Do ponto de vista etimológico, substantivo significa “o que está debaixo, na base”, ou seja, é a base de tudo o que se diz. A palavra traduz também a noção de substância, de essência das coisas que nomeamos. (CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.2, p.27)

**Ex. 16.** O substantivo e os gêneros

Os substantivos estão presentes em todos os gêneros textuais, mas são essenciais em alguns, como listas, verbetes de dicionário ou enciclopédia e receitas (na parte dos ingredientes). (CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.2, p.27)

**Ex. 17.** Nos quadrinhos de Nik, no texto II, Gaturro está se preparando para ir à escola.



- As palavras avental, mochila, livros, estojo e maçã nomeiam o quê?
- Que nome se dá ao gênero textual em que são reunidos nomes de várias coisas?
- Cite outras situações em que esse gênero é utilizado. (CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.2, p.27)

**Ex. 18.** No último quadrinho, Gaturro constata que se esquece de levar à escola sempre a mesma coisa: **a vontade**. Que diferença há entre a palavra vontade e as demais palavras que Gaturro mencionou nos quadrinhos anteriores? (CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.2, p.27, grifos dos autores)

- Ex. 19.** Os substantivos terminados em I formam o plural de duas maneiras.
- Qual é o plural de míssil, móvel e têxtil?
  - Qual é o plural dos substantivos fuzil, funil, canil, canal e anzol?
  - Tente perceber a diferença entre os dois grupos de palavras quanto à tonicidade das sílabas e conclua: Como se forma o plural dos substantivos terminados em I? (CEREJA; DAMIEN; VIANNA, 2017, v.2, p.32, grifos dos autores)

O que se percebe, ao analisar essa coleção, é um “entrecruzamento entre discursos divergentes” (RODRIGUES, 2019): os de teorias que entendem que o ensino de língua se dá por meio do ensino da gramática e os que priorizam a construção de conhecimentos em vez da mera transmissão de conteúdos. Esses exemplos partem do texto para a palavra e exploram os recursos linguísticos agenciados pelo personagem Gaturro para o estudo do substantivo, do plural dos substantivos e do gênero discursivo. Embora as atividades metalinguísticas estejam em evidência, a PAL se faz presente nessas atividades.

Observamos, com isso, que a abordagem da norma padrão na coleção não é feita como prescrição, mas como uma maneira de o aluno conseguir se inserir em diferentes contextos comunicativos. Desse modo, os exercícios propostos trabalham, ao mesmo tempo, gramática normativa e reflexão linguística seguidos por uma parte teórica e conceitual que afirma a importância de conhecer as regras e os conceitos gramaticais desde que o aluno não despreze as variedades da língua e compreenda como e por que falamos algo de diferentes maneiras.

Nesse sentido, os autores elaboram seus discursos com objetividade e clareza, apresentando explicações que exploram as variedades linguísticas sem discriminá-las ou considerá-las erros e trazem os conceitos gramaticais como um meio de desenvolver novas habilidades de uso da língua e, conseqüentemente, de inserir o interlocutor em diversas esferas sociais e torná-lo capaz de realizar concursos e exames vestibulares. Esse diálogo de não obrigatoriedade, isto é, da não necessidade de decorar conceitos e nomenclaturas, e de trabalhar a reflexão através de textos, escrita e exercícios linguísticos condizem com a PAL.

É devido à discursivização dessas teorias e ao direcionamento que os autores da coletânea dão aos textos e às atividades linguísticas que podemos compreender as características cronotópicas de cada recurso expressivo e estabelecer uma relação do porquê de muitas palavras, por exemplo, estarem em desuso, hoje, e suas variações terem assumido a predominância no português brasileiro. De acordo com os PCN (BRASIL, 2000, p.8), “[...] o

importante é que o aluno saiba analisar as especificidades, sem perder a visão do todo em que elas estão inseridas, e perceba que as particularidades têm um sentido socialmente construído.”.

Notamos, em algumas atividades analisadas, exercícios de comparação entre a variante padrão e as outras variedades linguísticas por meio de aspectos sintáticos, semânticos e ortográficos para que o aluno construa seu próprio conceito, compreenda como se dá o processo de mutabilidade da língua e o que implica falar e escrever de determinada maneira e não de outra. Segundo os PCN (BRASIL, 2000, p.10), proporcionar essa prática de análise linguística ao estudante “[...] evoca a superação preconceituosa das identidades e provoca o respeito mútuo como meio de entender o presente e construir o devir.”.

Em virtude desses aspectos, finalizamos esta seção identificando pontos bastante favoráveis à coleção analisada e, embora tenhamos, em alguns momentos, o uso da gramática tradicional, compreendemos que as teorias que ancoram o trabalho dos autores estão de acordo com os documentos oficiais e com as suas crenças e ideologias, as quais corroboram o ensino reflexivo da língua, que sai da mera abstração e passa a analisar, além dos conhecimentos linguísticos, aspectos textuais e discursivos de textos de gêneros diversos.

Dessa forma, podemos afirmar que temos relações dialógicas porque existe um contexto de produção discursiva, com intenções definidas e interlocutores reais, (BAKHTIN, 2013). Essas relações, que se dão por meio da interação entre sujeitos diferentes – autores e interlocutores –, vêm carregadas de “ecos e ressonâncias de outros enunciados e se entrecruzam aos valores e conhecimentos de mundo do aluno, possibilitando a ele a compreensão dos sentidos produzidos nos discursos dos autores” (RODRIGUES, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que buscamos, com esta pesquisa, foi compreender o modo como a PAL é discursivizada nas propostas de atividades de estudo da língua nos três volumes de livros didáticos LDs de Língua Portuguesa da coleção “Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” por meio da análise dialógica do discurso e fundamentados na teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e do Círculo. Para tanto, após selecionar essa coletânea, fizemos um levantamento das atividades linguísticas que focalizam a PAL e das que estão voltadas à gramática tradicional normativa e retornamos aos discursos já-ditos sobre as novas teorias linguísticas e as orientações

pedagógicas dos documentos oficiais com a intenção de compreendermos as projeções ideológico-valorativas que perpassam as concepções de língua(gem) e de ensino dos autores da coletânea.

Observamos, a partir dessa análise, que, embora ainda haja traços da gramática tradicional, o discurso da mudança se faz mais presente nos três volumes da coleção por meio da seleção de textos, da linguagem mais informal e das diversas atividades que trabalham a reflexão linguística através da leitura, da escrita e da reescrita, da comparação entre textos e da formulação de hipóteses e de conceitos.

Em vista disso, compreendemos que cabe ao professor a tarefa de se apropriar das diferentes concepções de língua(gem), de gramática e de ensino a fim de mobilizar estratégias voltadas à realidade de seu aluno e possibilitar que ele seja co-criador no processo de construção de conhecimentos. Desejamos, por fim, que as discussões apresentadas nesse estudo possibilitem uma maior reflexão acerca do ensino de LP e contribuam com a prática pedagógica nas salas de aula.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Contribuições dos estudos sobre gêneros do discurso para a análise linguística em sala de aula: perspectivas dialógicas. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v.5, n.2, p.21-41, 2011. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/1349>, acesso em 19 de janeiro de 2021.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2012.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A prática de análise linguística mediada pelos gêneros do discurso: matizes sócio históricos. **Revista Letrônica**, v.6, n.2, p.494-520, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/15020>, acesso em 26 de janeiro de 2021.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Revista Letra Magna**, v.12, n.19, 2016. Disponível em: [http://www.letramagna.com/artigos\\_19/artigo\\_19\\_06.pdf](http://www.letramagna.com/artigos_19/artigo_19_06.pdf), acesso em 12 de janeiro de 2021.



ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa: por uma ancoragem dialógica. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v.10, n.1, p.182-200, jan./jul., 2018. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/460.pdf>, acesso em 12 de janeiro de 2021.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do Círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v.14, n.1. p.177-194, jan./abr., 2014. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/2423](https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2423), acesso em 12 de janeiro de 2021.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. RODRIGUES, Rosângela Hammes. Por uma análise dialógica do discurso: reflexões. In: ALVES, Maria da Penha Casado; VIAN JUNIOR, Orlando. (org.). **Práticas discursivas: olhares da Linguística Aplicada**. Natal: EdUfrn, 2015, p.61-84.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo.; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. 01. ed. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2021. Disponível em <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/pratica-de-analise-linguistica-nas-aulas-de-lingua-portuguesa/#respond> , acesso em 20 de outubro de 2021.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et. al. 4.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1998[1975].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011[1979].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução do russo por Vopróssi Chkóle. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015[1929].

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: afinal a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BRASIL. MEC/SEMTEC. **Parâmetros curriculares nacionais: bases legais**. Brasília, 2000.

BRASIL. MEC/FNDE/SEB. **PNLD 2018: língua portuguesa**. Brasília, 2017.

BUNZEN JUNIOR, Clécio dos Santos. **Livro didático de Língua Portuguesa: um gênero do discurso**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Departamento de Linguística Aplicada. São Paulo: UNICAMP, 2005.

BUNZEN JUNIOR, Clécio dos Santos. A fabricação da disciplina escolar Português. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v.11, n.34, p.885-911, set./dez., 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/4513>, acesso em 21 de janeiro de 2021.

CARGNELUTTI, Joceli. Considerações sobre o a história do ensino da língua portuguesa no Brasil: um livro didático da década de 1960. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.38, n.2, p.123-133, maio/ago., 2009. Disponível em: [http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL\\_V38N2\\_10.pdf](http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_10.pdf),

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; DAMIEN, Christiane. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. São Paulo: Atual, 2017.

COSTA, Andréa Cristina Soares et. Al. A contribuição da linguística aplicada na elaboração do livro didático de língua portuguesa. **Educação e Linguagem**, v.3, n.1, p.45-62, 2016. Disponível em: [https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2017/05/5\\_EDUC\\_20161.pdf](https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2017/05/5_EDUC_20161.pdf), acesso em 21 de janeiro de 2021.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Uma tentativa de análise linguística de um texto do gênero “relato histórico”. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça (SC), v.10, n.1, p.181-205, jan./abr., 2010. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/441](https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/441), acesso em 12 de janeiro de 2021.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v.7, n.14, p.270-294, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15153>, acesso em 12 de janeiro de 2021.

DA COSTA, Elizângela Patrícia Moreira. **Retrato da verbo-visualidade em livros didáticos do ensino fundamental: uma abordagem dialógica**. Dissertação (doutorado) – PUC, São Paulo, 2016.

DE ANGELO, Graziela Lucci. Quando o professor recorda...considerações sobre o passado do ensino de língua portuguesa. **Revista Moara**, Pará, n.36, p.128-143, jul./dez., 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1107>, acesso em 21 de janeiro de 2021.

DE PAULA, Luciane. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.239-258, jan./Jun., 2013.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DE PIETRI, Emerson. Sobre a constituição da disciplina curricular de língua portuguesa. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v.15, n.43, p.70-83, jan./abr., 2010. Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782010000100005&lng=pt&nrm=isso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000100005&lng=pt&nrm=isso), acesso em 21 de janeiro de 2021.

DE PIETRI, Emerson. O currículo e os discursos sobre o ensino de Língua Portuguesa: relações entre o acadêmico, o pedagógico e o oficial da década de 1970, no Brasil. **Currículo sem fronteiras**, v.13, n.3, p.515-537, set./dez., 2013. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss3articles/pietri.pdf>, acesso em 21 de janeiro de 2021.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **Veredas**. Juiz de Fora, v.7, n.1, p.95-111, jan./dez., 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25268>, acesso em 15 de janeiro de 2021.

FRANCHI, Carlos; MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. Mas o que é mesmo “gramática”? In: POSSENTI, Sírio. (org.). **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FRANCO, Neil; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas – SP: Pontes Editores, 2020.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação**. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 5.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, maio/jun., 1995. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/20595>, acesso em 08 de fevereiro de 2021.

HUFF, Luana de Araujo. **O discurso das orientações didático-pedagógicas em livros didáticos de Língua Portuguesa: em torno da prática de análise linguística**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis, UFSC, 2017.

JOBIM e SOUZA, Solange; PORTO e ALBUQUERQUE, Elaine Deccache. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.7, n.2, p.109-122, jul./dez., 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/8124>, acesso em 26 de janeiro de 2021.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.



MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, Amanda Maria de.; HUFF, Luana de Araujo; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Considerações teórico-metodológicas para o estudo da palavra-discurso: respostas a dois ensaios de Mikhail Bakhtin. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v.20, p.131-151, 2019. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/2736>, acesso em 17 de abril de 2021.

PATRIOTA, Luciene Maria. Aspectos estruturais dos livros didáticos de português: um olhar ao longo do tempo. **Leia Escola**, Campina Grande, v.15, n.1, 2015. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/483/355>, acesso em 21 de janeiro de 2021.

POLATO, Adriana Delmira Mendes. **Análise linguística**: do estado da arte ao estatuto dialógico. Dissertação (doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Letras. Maringá, UEM, 2017.

ROCHA, Laís França Campos. Práticas de análise linguística: uma análise em livro didático. **Work. Pap. Linguist.** Florianópolis, v.18, n.2, p.211-238, ago./dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2017v18n2p211>, acesso em 12 de janeiro de 2021.

RODRIGUES, Bárbara. **Entre a gramática tradicional e a prática de análise linguística nas atividades em livros didáticos de Língua Portuguesa no Ensino Médio**: um estudo dialógico. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, UFSC, 2019.

ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e a análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Curitiba, v.15, n.2, p.44-60, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>, acesso em 06 de março de 2021.

SANTOS-CLERISI, Gabriela Debas; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Pesquisas no Brasil sobre a prática de análise linguística de base dialógica. **Línguas & Letras**, v.21, n.49, p.155-174, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24131>, acesso em 14 de janeiro de 2021.

SILVA, Nívea Rohling. **O gênero entrevista pingue-pongue**: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis, UFSC, 2007.



SOARES, Magda. Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa. *In*: Neusa Barbosa Bastos (org.). **Língua Portuguesa: história, perspectiva e ensino**. São Paulo: EDUC, 1998.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2009[1929].

### ***Bárbara RODRIGUES***

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano. Licenciada em Letras Português e Literaturas Vernáculas pela UFSC. Mestre em Linguística, na área de Linguística Aplicada, pela UFSC. Doutoranda em Linguística, na área de Linguística Aplicada, pela UFSC.

### ***Rodrigo ACOSTA PEREIRA***

Graduado em Português e Inglês e respectivas Literaturas pela UFSM. Mestre em Linguística, na área de Linguística Aplicada, pela UFSC. Doutor em Linguística, na área de Linguística Aplicada, pela UFSC. Pós-doutorado em Linguística Aplicada pela PUCSP. Professor de Linguística Aplicada da UFSC. Membro do NELA - Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada e do Grupo de Estudos da Área Discursiva da UFSC / Brasil e do Grupo de Pesquisa Práticas discursivas na contemporaneidade da UFRN / Brasil. Membro do GT - Gêneros Textuais / Discursivos da ANPOLL.

*Recebido em 11/junho/2021 - Aceito em 16/janeiro/2022.*